

## *A Nau Catarineta*

### *Maria Schtine Viana*

Doutoranda em Estudos Portugueses (NOVA FCSH)

IELT – Instituto de Estudos de Literatura e Tradição (NOVA FCSH)

### *Laura Campanér*

Graduada em Violão Clássico pela Universidade de Ribeirão Preto – SP  
com Especialização em Musicologia pela Faculdade Carlos Gomes – SP

O enredo da xácara *A Nau Catarineta* relata as aventuras de uma longa travessia marítima, quando se esgotam as provisões e decide-se por sacrificar um dos tripulantes.

O folclorista brasileiro Pereira da Costa nos informa que o episódio descrito na *Nau Catarineta* foi inspirado em um naufrágio ocorrido, em 1565, com um navio que partiu de Recife com destino a Lisboa, conduzindo entre os passageiros o então donatário da capitania de Pernambuco, Jorge de Albuquerque Coelho, e o poeta Bento Teixeira.

A *Nau Catarineta* é popularíssima tanto em Portugal como no Brasil. A primeira versão publicada em livro de que se tem notícia é de Almeida Garrett. Mas Pereira

da Costa aventa a possibilidade de a autoria da xácara ser do poeta pernambucano Bento Teixeira, já o mesmo sofreu, na companhia de todos os que estavam a bordo, as amargas privações do naufrágio, seguido de saque pelos corsários de um navio francês.

A versão recolhida no Rio Grande do Sul por Carlos de Koseritz possivelmente foi levada para o Brasil pelos imigrantes açorianos, mas preferimos publicar nesta edição a versão recolhida por Sílvio Romero em Sergipe, por ser mais completa.

A versão incluída nesta antologia é a mesma transcrita por Sílvio Romero, mas para a gravação da música foi acrescentada a frase “Oh tolinha”, usada para dar apoio à melodia. Essa frase consta no registro feito pela pesquisadora Oneyda Alvarenga de uma versão colhida em Alagoa Grande, Paraíba, em 1938, pela Missão de Pesquisas Folclóricas do Departamento de Cultura. A adaptação da melodia feita por Laura Campanér levou em conta a versão gravada por Anna Maria Kieffer na década de 1980, apesar de a letra apresentada por essa estudiosa também ser diferente da recolhida por Sílvio Romero.

Este procedimento foi usado porque achamos por bem respeitar a letra da versão mais antiga registrada no Brasil e, ao mesmo tempo, aproveitar os registros musicais encontrados, pois grande parte da produção poética popular era cantada e infelizmente muito desse material fonográfico está perdido, já que os estúdios de folclore registravam apenas o texto e não a melodia. Dessa maneira, conseguimos apresentar ao leitor pelo menos uma ideia do que era essa produção no passado.

## **NAU CATARINETA**

(Uma xácara recolhida por Sílvio Romero em Sergipe)

Faz vinte e um anos e um dia  
Que andamos n'ondas do mar,  
Botando solas de molho  
Para de noite jantar.

A sola era tão dura,  
Que a não pudemos tragar,  
Foi-se vendo pela sorte  
Quem se havia de matar,  
Logo foi cair a sorte  
No capitão-general.

– Sobe, sobe, meu gajeiro,  
Meu gajeirinho real,  
Vê se vêes terras de Espanha,  
Areias de Portugal.

– Não vejo terras de Espanha,  
Areias de Portugal,  
Vejo sete espadas nuas  
Todas para te matar.

– Arriba, arriba, gajeiro,  
Àquele tope real  
Olha pra estrela do norte  
Para poder nos guiar.

– Alvíssas, meu capitão,  
Alvíssas meu general,  
Avisto terras de Espanha,  
Areias de Portugal.

Também avistei três moças  
Debaixo d'um parreiral,  
Duas cosendo cetim,  
Outra calçando o dedal.

– Todas três são filhas minhas,  
Ai! Quem mas dera abraçar!  
A mais bonita de todas  
Para contigo casar.

– Eu não quero sua filha  
Que lhe custou a criar,  
Quero a Nau Catarineta  
Para nela navegar.

– Tenho meu cavalo branco,  
Como não há outro igual;  
Dar-te-lo-ei de presente  
Para nele passear.

– Eu não quero seu cavalo  
Que lhe custou a criar;  
Quero a Nau Catarineta  
Para nela navegar.

– Tenho meu palácio nobre,  
Como não há outro assim,  
Com suas telhas de prata,  
Suas portas de marfim.

– Eu não quero seu palácio  
Tão caro de edificar,  
Quero a Nau Catarineta  
Para nela navegar.

– A Nau Catarineta, amigo,  
É d’El-Rei de Portugal,  
Mas não serei mais ninguém,  
Ou El-Rei te há de dar.

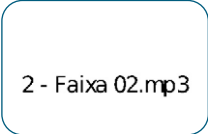
– Desce, desce, meu gajeiro,  
Meu gajeirinho real,  
Já viste terras de Espanha,  
Areias de Portugal...

## Fontes usadas para estabelecimento do texto

ROMERO, Sylvio, *Cantos populares do Brazil*. Lisboa: Livraria Internacional, 1883, p. 21-22.

ROMERO, Sílvio, *Cantos populares do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954, p. 102-106.

Link da faixa para audição da xácara



2 - Faixa 02.mp3

**Fonte:** *Asa da palavra: Literatura oral em Verso e Prosa*. Organização, textos de apoio e notas Maria Viana. Ficha técnica do CD que acompanha a obra: Laura Campanér: adaptação musical, violão, viola caipira, programação eletrônica e interpretação vocal; Maria Viana: pesquisa seleção e interpretação vocal. São Paulo: Melhoramentos, 2016.